

*Oh, como choviam esmeraldas
voadoras! O céu incendiou-se de verde onde
nem era necessário — todas as fogueiras da
costa tomaram essa cor, mesmo as que inchavam
nos nossos corações.*

Alvaro Sabino

O noivo aproximou-se-lhe da boca, a principio encontrou os dentes, mas logo ela parou de rir e as línguas se tocaram diante do fotógrafo. Foi aí que o cortejo sofreu um estremecimento de gáudio e furor, como se qualquer desconfiança de que a Terra pudesse ter deixado de ser fecundada se desvanecesse. Já não estavam junto de nenhum altar, mas no terraço do *Stella Maris* cujas janelas abriam ao Índico. No terraço, obviamente, não havia janelas, apenas pilares sobre os quais se estendia uma cobertura suave mas suficientemente protectora para se poder receber um cortejo daquela importância e quantidade. O fotógrafo subiu a cadeiras e desceu até ao chão, de modo a ficar completamente estendido para apanhar o beijo em todas as posições. Por isso, o noivo continuava com os olhos fechados, e ela só de vez em quando abria os seus, e o cortejo aplaudia incessantemente como no final duma ária subtil que certamente não se ouvirá jamais. Pressuroso, o fotógrafo pediu que o noivo tomasse a noiva nos seus braços e a levantasse à altura do peito, junto da vedação que impedia

que as pessoas, uma vez debruçadas, caíssem ao Índico. Era majestoso. Ela obedeceu — encostou a cabeça ao ombro do noivo, e o noivo olhou terramente para o rosto dela. Descidos e lânguidos, os olhos dele tinham alguma coisa líquida de peixe quando abriam e fechavam. Ainda aí o cortejo batia palmas, e havia quem transpirasse e tivesse as mãos enrubescidas de tanto aplaudir. Aquele era um momento cheio de encanto.

Então a noiva que tinha chegado apenas na noite anterior, mas a quem todos já chamavam simplesmente Evíta, abriu os olhos, e mais do que a quantidade dos convidados, surpreendeu-se com o tamanho exemplar da mesa. As lagostas vermelhas e abertas ao meio estavam dispostas conforme um numeroso cardume. As papaías amarelas estavam cortadas em feitiço de coroa de rei e coroavam a toalha inteira. Os ananases formavam uma pinha no centro, como se fosse o leque dum fantástico e emplumado peru. Ela aproximou-se desse peru, pondo o véu completamente para trás e rindo cada vez mais. Mas de facto, o local que Evíta, docemente empurrada pelo noivo, deveria ocupar, não era ao centro — disse o fotógrafo com um gesto amplo — antes na cabeceira, onde havia um bolo de sete andares, com um ramo armado em forma de chuva. Um criado extraordinariamente negro, vestido de farda completamente branca, trouxe uma bandeja com uma espada. A espada era do noivo. Evíta pegou na espada e fendeu o âmago do bolo até à tábua. Quando a espada bateu na tábua, acorreu de entre as mulheres uma delas de vestido sem costas com duas espátulas de cozinha. O Comandante da Região Aérea, que era marido da mulher das espátulas, avançou em primeiro lugar com o seu pratinho para receber uma tranchea e aproveitou para estreitar a mão do noivo. O noivo era só alferes e o longo abraço que se seguiu ao aperto de mão, dado desse modo pelo Comandante da Região Aérea, perturbou-o a ponto de estremecer sob a pressão do punho do coronel, ali de passagem a caminho de Mueda. Nunca pela cabeça dum alferes miliciano tinha passado o sonho de que, no dia do seu casamento, houvesse um Coman-

dante de Região que o viesse abraçar, e tudo isso foi captado pelo fotógrafo que tinha subido agora a uma mesa de apoio com toalha, junto da vedação. Daí até que chegasse a orquestra foi só um breve tintinar de copos. Um chupar de lâmparas. Os convidados de novo irromperam em aplausos.

E redobrararam ainda as palmas quando a pequena orquestra de instrumentos quase todos de sopro começou a soar, tocados por quatro brancos e um negro. O negro ao tocar tinha as bochechas inchadas como se quisesse explodir. Toda a música era uma explosão que rebentava na tarde. O Comandante da Região Aérea, de passagem para Mueda, abandonou a mulher das espátulas e tomou a noiva, o noivo tomou a mulher das espátulas que havia acompanhado o marido só para conhecer Six-Miles e regressar logo no avião da manhã, e seguiram-se os pares rodando à volta da mesa imensa.

Rodavam, rodavam os pares. Foi há vinte anos, e ainda não era hábito os pares dançarem desenlaçados uns diante dos outros como outrora os espadachins. Pelo contrário, enlaçados e rodando, todo o espaço que sobejava da longa mesa foi ocupado com a trajectória das ancas, embora sobejassem mulheres apoiadas na grade, porque não se estava em tempo de paz completa. Ainda era de tarde, ainda o Sol estava bem amarelo e suspenso por cima do Índico, e a cidade da Beira, prostrada pelo calor à borda dos cais, era tão amarela quanto o ananás e a papaia. A noiva suspirou não de cansaço ou de sono mas de deslumbramento, e depois desse suspiro, o Comandante da Região Aérea começou a falar bem alto, como se esperava que falasse.

«África é amarela, minha senhora» — disse o Comandante, apertando pelo carpo a mão de Evíta. «As pessoas têm de África ideias loucas. As pessoas pensam, minha senhora, que África é uma floresta virgem, impenetrável, onde um leão come um preto, um preto come um rato assado, o rato come as colheitais verdes, e tudo é verde e preto. Mas é falso, minha senhora, África, como terá opor-

permita a todos manear correctamente o inglês, não só em termos de guerra. O próprio Comandante da Região Aérea, que sabia distinguir os momentos de serviço dos momentos de cognac, disse em voz muito alta, abafando toda a música — *Please, get out from here tonight*, na direcção indiscutível dos recém-casados. O fotógrafo aproveitou o riso cúmplice dos noivos. Era um homem sensível, o fotógrafo, e por isso agora já não queria apanhar a mesa nem o bolo. Se apanhasse, o bolo appareceria na fotografia com o aspecto crenado dum coliseu romano em ruína. Os noivos, conduzidos pelo fotógrafo, só agora reparavam que havia ao lado dos ananases uma salva com um envelope, e para cima desse envelope, o capitão atirou de longe um molho de chaves. Devia ser perfeito em basquete porque as chaves atingiram o meio do envelope.

O cortejo percebeu que era o empréstimo do descapotável branco que ia naquele molho de chaves e aplaudiu de novo, dizendo coisas pícaras de orelha a orelha. O noivo comprehendeu completamente a orquestrazinha, o sussurro dos imensos convidados e a pressa do fotógrafo, querendo todos expulsá-los dali, muito antes de chegar a noite. Entornava-se de facto uma atmosfera amarela-clara da cor do whisky, quando foram postos na extremidade do terraco, por entre gargalhadas.

«Achas que os enganámos?» — perguntou Evita no elevador que descia como uma flecha.

«Perfeitamente» — disse o noivo, já no descapotável. «Ficaram a pensar que nos vamos deitar um com o outro pela primeira vez. Grandes pensadores!» — O descapotável partiu com um ronco. Era admirável tudo o que tinha acontecido naquele terraco, mas nada terminava ali. Tudo estava por começar como no momento em que a tempetade inicia o primeiro sopro.

E assim a noiva deitou a cabeça na cintura do noivo. Agora, sem malas nem roupas compridas — tinham-nas deixado no pequeno quarto do *Stella* — sentiam-se libertos pelas estradas da cidade da Beira que eram planas, como

se traçadas sobre a recta duma superfície palustre. Os mangais pareciam vermelhos e cobriam todas as linguas de areia completamente por arrotear. O noivo estava ansioso de planura e quis sentar-se num bar de pau e caniço que sobraçava o mangal. Quando appareceu um bando de aves voando rente ao lodo do mangal — e foi assim que se sentaram — o noivo quis que ela ficasse quieta, mas ele descalçou-se e entrou pelo bando de aves que eram cor de fogo, pernalças, e pareciam deslocar-se ainda sob o instinto formidável do Génesis. Evita ficou a ver como de facto tudo era laranja e amarelo, mesmo o noivo. A aproximação do noivo, nem todos os pássaros levantaram voo. Com as patas imóveis, erectas, muitos ficaram com os pescoccos compridos como alças, dobrando-os e desdobrando-os por cima dos pappos. Tinham os olhos postos nos pedaços de peixe do lodo, e não se importavam com o noivo que lhes acenava com os sapatos, grritando imenso. Alguns pareciam haver perdido a arguta visão de pássaro, e só se afastavam quando o noivo lhes queria tocar. Quando saiu do lodo, o noivo trazia as pernas sujas até acima dos joelhos e havia sido tomado por uma energia irrazozável. Ele saltava entre o mar e a areia, com as calças na mão, e a areia e o mangal, tanto quanto o mar, eram cor de scotch e cor de pruna.

«Eh! *black!*!» — gritou imenso na direcção do bar. Como se estivesse à espera, um rapaz appareceu munido dum pano, rindo com formidáveis dentes. Aproximou-se, curvou-se e começou a limpar as pernas do noivo cheias de areia e lodo. Esfregava, esfregava, mas as manchas resistiam e o noivo ria e então, voluntariamente, o *black* foi buscar um recipiente de água e acabou por lhe limpar os pés com um outro pano. O *black* ajoelhou-se no estrado de pau para limpar um a um os dedos do noivo, e quando terminou, retirou-se de recuo, com o recipiente na mão, rindo intensamente e entornando a água. Tremendo e rindo, desapareceu na porta, fechou a porta. Os noivos olhavam-se cheios de ternura. Para além deles não estava ninguém no pequeno bar de caniço, e como o fim do dia era de mais, podiam beijar-se só para eles mesmos, pela

tunidade de ver, é amarela. Amarela-clara, da cor do whisky!»

Rodavam, rodavam sempre, ela de braços muito abertos, estendidos, levantados, para alcançar o alto da farda onde deveria poisar de leve os dedos da mão, em forma de vespa. Aliás, a noiva, sempre de braços abertos como antigamente, quando se fazia adeus a um transatlântico, dançou com um outro coronel, depois com dois majores, e em seguida com três capitães, rindo imenso. Quando teve pausa, nem se lembrava qual deles lhe tinha dito:

«Ainda é cedo para ter verificado, mas verá que esta é uma das poucas regiões ideais do Globo! Admire a paisagem, e verá que para ser perfeita, só faltam uns quantos arranha-céus junto à costa. Temos tudo do século dezanove menos o hediondo fisiocratismo, tudo do século dezoito à excepção da libertação dos escravos, e tudo do século vinte à excepção do televisor, esse veneno em forma de écran. Com uns vinte arranha-céus, a costa seria perfeita!»

Evita quereria lembrar-se de qual dos oficiais tinha feito a síntese, mas as fardas, para além das riscas que envolviam as mangas, eram extremamente parecidas. As vozes, sendo diferentes, igualavam-se no mesmo modo de intensificar as últimas sílabas como se falassem para serem ouvidos à distância, na amplitude aberta da parada. Quando sussurravam, era com os gestos que sussurravam, e daí que não se lembrasse mais qual deles havia feito aquela admirável síntese. Quem teria sido? Evita não pôde perguntar-se mais do que durante um breve instante. Aproximava-se um par singular quando a mesa já começava a perder a frescura inicial por algumas cascas e muitos pratos retirados dos seus lugares simétricos. Evita tinha os olhos presos do par.

À primeira vista, a singularidade do par provinha sobretudo dela, pois ele apenas parecia transportar mais comdecorações do que seria de admitir num homem da sua idade. Grandalhão. Ela, porém, destacava-se de tudo e de todos — dos objectos, da mesa, da fruta, da pinha dos

ananases, de todas as coisas cortadas e perfeitas que ainda ali se encontravam. Destacava-se por ela mesma e pela cabeleira que era constituída por uma espécie de molho auzado de caracóis flutuantes que lhe caíam de todos os lados, como uma cascata cor de cenoura, enquanto os cabelos das outras mulheres, por contraste, eram dum castanho-escuro, sarraceno, ora passado a ferro pelas costas abaixo, ora em balão tufado do feito dum moita, como então se usava. Evita conseguiu perceber também que entre a cor das unhas e a cor do cabelo, apenas havia um tom intermédio. Isso quando ela estendeu a mão. Na mão havia um anel que brilhava intensamente. A singularidade dela não se comparava com a dele.

«Apresento-te um herói» — disse o noivo, como se finalmente tivesse chegado alguém por quem estava definitivamente à espera.

«Que é isso? Gostei mas foi da forma como vocês se beijaram ali, boca na boca. Quem beija assim não é gago» — disse o capitão.

Mas o capitão não continuou porque se ouvia o Comandante da Região Aérea, sobragando uma garrafa, dizer para algumas mulheres de vestidos sem costas que o tomavam — «Oh! Oh! A guerra! Se não fosse a guerra, *mesdames*, até a calmaria criaria pedral!» E como o comandante avançasse dizendo isso, o noivo e o capitão não puderam trocar outra palavra.

Penal! Ainda era muito cedo para se fechar a tarde, ainda era muito cedo para se falar de guerra, que aliás não era guerra, mas apenas uma rebelião de selvagens. Ainda era muito cedo para se falar de selvagens — eles não tinham inventado a roda, nem a escrita, nem o cálculo, nem a narrativa histórica, e agora tinham-lhes dado umas armas para fazerem uma rebelião... Era muito cedo para se falar do Império, e a orquestra começou a tocar de novo, embora suave, e a voz grave dum branco sem instrumento de sopro cantou, imitando a voz dum negro — *Please, please, get out from here tonight...* O frequente contacto entre os oficiais portugueses e os da África do Sul

boca e pelas orelhas, impellidos sem divida pelo instinto de nidificação que suspirava do mundo.

«Voltamos?» — disse ele à beira de desmaiar.

«Claro» — disse ela. Começava a fazer escuro total, à excepção duma barra vermelha. Nessa altura, já perto do *Stella Maris*, haviam começado grandes correrias de negros, e o barulho dos pés contra a terra atingia o terraço. As luzes intensas do hotel, naquela noite, não se espelhavam no Índico só porque a maré estava vazando e a areia seccava enquanto uma onda ia e vinha, e o cortejo estava ainda todo dançando e comendo e bebendo, quando se começaram a ouvir correrias pela avenida e gritos do lado do Chiveg, o braço de mar. Mas por isso não valia a pena suspender absolutamente nada do que se estava a fazer e que era dançar e rir intensamente.

«O que é?» — perguntou um convidado, olhando o escur.

«Possivelmente é já o grito da noiva» — respondeu um maior, rindo imenso com imensos dentes amarellos, um deles suspiado por uma anilha de ouro. E continuou a dançar com o par. Mas Eviita e o noivo encontraram-se na zona oposta da costa e regressavam pelas ruas de trás ao pequeno quarto onde a música do terraço chegava perfeita-mente. Enovelaram-se um no outro. O noivo disse —

«Chin! Separa-nos do outro quarto de dormir apenas um tabique». Foram então para o quarto de banho que era enorme. Atapetaram o chão da amplíssima casa de banho com toalhas retiradas do toalheiro.

«É duro, o chão?» — perguntou o alferes.

«Não, que ideia, apenas liso mas como a superfície dum lago!»

«Que subitamente tem uma onda».

«Várias ondas...»

De repente ouviu-se outro grito, embora fosse o primeiro que os noivos ouviam. «Não tenhas medo» — disse o noivo, saindo de dentro da noiva e espreitando pela abertura da janela. «É apenas o *raté* dum carro». Continuaram estendidos na superfície atalhada da casa de banho

enorme, o noivo como se fosse de plástico, aderente, molhado à noiva. Eles não podiam saber, nem lhes convinha saber, o que entretanto era conhecido no terraço. Aí, a atenção centrava-se naquelas correrias que ora recrudesciam ora ficavam engolidas pelo barulho persistente do mar.

«Deixá-los correr» — disse um tenente que já se tinha desfardado e estava agora em camisa com o peito descoberto. «São os senas e os changanes esfiqueando-se. Que se esfiquiem. São menos uns quantos que não vão ter a tentação de fazer aqui o que os macondes estão a fazer em Mueda. Felizmente que se odeiam mais uns aos outros do que a nós mesmos. Ah! Ah!...» O tenente ainda era um jovem e ria imenso, pensando nos changanes e nos senas às catanadas, os pretos uns contra os outros. O preto do quinteto não tinha problema porque não era nem changane nem sena. Era um mineiro que tinha sido encontrado a vaguear pelo Cabo, e por isso mesmo não sabia uma palavra de português, nem de changane, nem de sena. Estava ino-cente, e só dizia bem, secundando o branco — *Please, get out from here tonight*. Todos dançavam e riam descobertamente no alto do terraço. Agora já tinham descoberto o escapotável parqueado em baixo e imaginavam os noivos estendidos no pequeno quarto, ali tão perto. Mas imaginavam mal. Ninguém podia suspeitar que para fugirem da proximidade do tabique, se tivessem refugiado nos frescos mosaicos onde ela, Eviita, via e sentia um lago agitado por vagas. Eviita julgou que caía uma tempestade e que o soalho que representava o lago, em principio liso e frio como um mosaico, sofria a ondulação dum mar. Era um sono leve, era um sono transpirado que sem sabermos como, acontecia quando a orquestra, esgotada havia muito, tinha deixado de fazer estremecer a messe e a manhã ameaçava romper a oriente.

«Bifalhos?» — perguntou Eviita erguendo-se dos turcos, tomada pela sensação absoluta de que estava em África.

«Não, meu amor, crianças» — disse o noivo espreitando pela porta. De facto, pelo corredor, várias crianças

passavam correndo em camisa de dormir. Além, duas mulhe- res em robes brancos e descalças a caminho do elevador que conduzia ao terraço. As mulheres corriam com os chin- nelos de quarto nas mãos. Os chinelos eram enfeitados com penugem de ganso.

«Está toda a gente no terraço!» — disse uma das mu- lheres em robe, virando o rosto estufado. Apesar da luz frouxa do corredor, reconheciam-se nos rostos duas das pessoas do cortejo, e nos chinelos que agitavam, a penu- gem de ganso. Era impossível não ser envolvido. Os noivos também vestiram robes leves, e muito enlaçados, subiram ao terraço. A noiva ia pensando, enquanto o elevador rapi- damente partia, como seria bom se houvesse um dirigível cortando o céu. O noivo tapou-lhe a boca com os dedos — sonhar sim, mas não tanto. O elevador abriu. A meio do terraço ainda estava a mesa a que tinha sido retirado o banquetete e a toalha, mas permanecia o resguardado, e além da mesa, encostado ao gradeamento, existia o cortejo, à ex- cepção do Comandante da Região Aérea e da mulher com espátulas. Estavam todos em trajas menores, assemelhan- do-se nisso extremamente à mesa.

«O que será?» — perguntou o noivo.

«Seja o que for, esta é uma noite secreta e memorável».

Aproximaram-se do cortejo. Já tinha evaporado a in- certa luz da madrugada, já era manhã, o cortejo olhava para a barra e havia alguns pares de binóculos que passa- vam de mão em mão. Mas não era para a barra que esta- vam a olhar e sim para o Chiveve, o braço de mar que ali defronte fazia uma profunda poça. Para onde, durante a noite, a água tinha arrastado corpos de gente afogada. Imensos, incontáveis afogados. Mas de que barco? Não se sabia, nem se dava conta de ter havido tempestade que jus- tificasse essa calamidade. Eram inúmeros os afogados. Dois grandes *dummers* de lixo tinham vindo, antes de o Sol nascer, varrer a tragédia da vista da cidade, e várias carro- carias abertas não tinham sido suficientes para carregar tanto afogado. Nenhum dos presentes — e eram quase tan-

tos quantos no cortejo da tarde anterior — havia presen- ciado o movimento, mas evocava-se a cor branca das plan- tas dos pés dos negros, sobressaindo dos *dummers* que os levavam. Sabia-se também que muitos eram estivadores, homens de potentes músculos, bons nadadores, que facil- mente teriam enfrentado as ondas alterosas no caso de as- ter havido, e como o mar não estava raso mas apenas se movia com mediana vaga, a situação parecia absurda. Fosse como fosse, o porto corria o risco de ficar parado.

«Por mim, mataram-se à catanada e foram-se atirando ao mar. Só quem desconhece as matanças sazonais, não aventia essa hipótese como a mais provável» — disse o maior.

«Pode ser».

Assim, pelo menos, tudo ficaria explicado. O leito do que parecia ser um rio sem o ser — porque o fluxo da água girava ao contrário dum rio — estava cinzento e baço como costuma ficar a água do mar quando pára, mas a mulher dum capitão piloto-aviador dizia distinguir dali uma nítida coloração escarlate. Ela passava os binóculos e pedia que olhassem na direcção duns barracões enegreci- dos que se desmantelavam na margem. Outras, pelo con- trário, estavam a ver um lastro enorme, não propriamente vermelho, mas cor de ferrugem, a cor que o sangue toma diluído na água do sabão.

«Parece que além, às portas do cabaré, ainda estão pi- lhas deles. Ora enxerguem...» — disse um oficial em robe de seda, fumando cachimbo. Ele indicou a direcção apor- tando a bola do forninho e todos viram. Não era preciso utilizar binóculos para se enxergar o *Moulin Rouge* alve- jando as pás, lançadas na claridade da manhã. Contudo, nada mais se distinguiu entre os telhados e as varandas. De facto, entre um pouco de ramaria e as casas, parecia distinguir-se um amontoado de gente tombada. As cinco velas do moinhozinho eram cinco dedos espetados.

«Numa noite destas devíamos ter ficado acordados. Nunca mais vamos experimentar a emoção que podería- mos ter tido!» — A mulher do capitão piloto-aviador tinha

os binóculos do marido colados aos olhos e mexia continuamente no regulador. Ela estava ansiosa por que as horas passassem para ver se o mainato que a servia não seria uma das vítimas levadas pelos *dumppers*. Aliás, todos aguardavam essa hora, cada qual pelo seu mainato que já imaginavam de pés hirtos, olhos fechados para sempre, dentro dum terrível carro de transportar lixo. Mas ainda só se trabalhava com suposições, porque a razão verdadeira, essa ainda ninguém sabia.

«Por mim, não tenho dúvidas!»

O maior de dentes amarelos, também num belo robe de seda, mas com um dragão pintado nas costas, não tinha dúvidas, e lembrava que os povos vencidos por vezes se suicidam colectivamente. E referiu o que tinha acontecido ao Império Inca, nos Andes, depois da morte de Atahualpa Yupanki. Ora no fundo, toda a gente sabia que se estava a convergir para Mueda e qual o significado disso. Porque não admitir que os povos autóctones daquela terra não se quisessem suicidar? E não seria um gesto nobre? Suicidarem-se colectivamente como as baleias, ao saberem que nunca seriam autónomos e independentes? Nunca, nunca, até ao fim da Terra e da bomba nuclear? O maior abriu os braços e o dragão desenrugou a potência da sua língua vermelha, pintada.

«Olhem além, como recolhem um deles, estendido!» — gritou dramaticamente junto ao gradecimento, quase caindo sobre a praia do Índico, uma mulher de alferes em *liseuse*. Todos olhavam à vista desarmada para a correria dum *dumper* que evoluiu na margem. Afinal, durante a noite, haviam pressentido algo de deslumbrante, mas exaustos do cortejo, tinham mergulhado num sono estúpido sem darem importância às corridas que passavam sob as janelas do hotel *Stella Maris*. Tinha sido pena! Aliás, por que razão haviam sido tão céleres em recolher os corpos? Essa era uma pergunta colectiva mas que só alguns formulavam.

«Deviam tê-los deixado expostos e apodrecidos à luz do dia, para que se pudesse compreender a nossa causa, a nossa presença, a nossa determinação» — disse um pára-

-quetista em pijama de risca que na altura coxeava bastante.

«Sim, se ninguém fotografou nem escreveu, o que aconteceu durante a noite acabou com a madrugada — não chegou a existir. A rádio provincial nem um som sobre o assunto» — disse outro pára-quetista, esse já completamente fardado de número dois. Dava pequenas palmadas no receptor, ainda na esperança de que fosse a máquina que estivesse a funcionar mal. Vários dos circunstantes tinham-se virado para o rouco som da rádio.

«Devíamos comprar o jornal» — disse o que coxeava.

«O jornal? O *Hinterland*?» — Uma mulher de alferes não conseguia deixar de ser cínica, ainda que não tencionasse ser, rindo para cima da mesa quase desnuda do barquete. «Oh, esse jornal, esquece, esquece! Hã quase uma crueldade falar nesse jornal!»

E nisto um dos *dumppers* desapareceu ao longe. As raparigas em chinelo, com penugem de ganso em forma de pom-pom, estavam prestes a tombar à praia de tanto procurarem seguir um dos carros que viam e entrevíam correndo entre os cruzamentos das ruas. O maior dos dentes amarelos e anilha doirada segurou em ambas com toda a ternura de que os seus braços eram capazes. Como se depreende, a ternura e o entendimento eram o contraponto daquele arrebatador espectáculo, cujo auge, acontecido durante a noite, era preciso imaginar. A imaginação despertava a ternura.

Ternura? Sim, e amor, e excitação. Os noivos, por exemplo, sentiram que não estavam ali a fazer nada em comparação com o que poderiam fazer se recolhessem ao pequeno quarto. Afinal, o noivo era um dos que dentro de escassos dias sairia para Mueda. O prenúncio de vitória que chegava daquela forma tão evidente na noite do seu próprio casamento, impelia-o para o amor como as sementes para a terra. O noivo receou que o seu robe se abrisse e se descompusesse. A sua espingarda de carne irrompesse no terrço como um ramo que se solta. Comprimia-a, mas enquanto os outros enxergavam com binóculo, ele pressen-

tia as coisas sem as olhar e metia as mãos como duas centopeias pelo decote da noiva até se apoderar dos dois mofeticulos de Evita. Aliás, ali mesmo, no terraço, podiam ambos soltar pequenos gemidos sem que ninguém desse por isso, uma vez que todos soltavam os seus, ainda que aparentemente por outros motivos. Quando o maior dos dentes amarallos se voltou, segurando as duas raparigas de alfe-tes que evitava que caissem à praia, viu os noivos colados contra a mesa. Aí a noiva achou de mais.

«Vamos?» — disse Evita.

«O. K.» — disse o noivo com imensa dificuldade em pronunciar palavras completas. Deviam voltar ao local donde todos aqueles ruidos os haviam arrancado. Voltaram, e mal transpuseram a porta, tiveram o cuidado de descer as janelas para simularem, pelo dia fora, a continuação implacável da noite.

Porque de facto, no exterior, de repente a luz do dia inundava tudo com uma claridade cruel, e um *dumper* continuava a correr de cá para lá, não sendo portanto o alojamento apenas um fenómeno nocturno. Era o momento mais emocionante porque tinha chegado o instante de se descer ao hall para esperar os mainatos. Alguns comensais passavam rapidamente pelos quartos, e vestiam-se adequadamente até com sapatos e cinto, mas a maior parte desceu como estava, em leves trajes de noite, e foi assim, no hall do *Stella Maris*, repleto de luz e convulsionado, que os mainatos foram contados e faltavam quatro. Não com-pareciam quatro! Onde estariam esses quatro? Teriam ido de olhos fechados uns sobre os outros a caminho da vala comum? — «Mas porquê, porquê?»

A resposta foi dada por um homem que vinha a chegar de táxi por haver emprestado o descapotável aos noivos. Ele sabia porquê. Quando bateu a porta do táxi e pôs o pé no primeiro degrau da portaria, soube-se que ele saberia explicar o caso. Como não haveria de saber? Tinha a camisa de algodão aberta, já transpirado àquele hora, e via-se-lhe sob a camisa uma profunda cicatriz que se lhe abria

no peito à altura da quinta costela, envolvia todo o flanco e desaparecia no meio das costas com um remate de carne do feitio dum punho espalhado. Era o capitão das imensas condecorações, o que possuía a tal mulher de cabelo ruivo em cachão.

«Não temos nada a ver com esta cegada» — disse ele. «E para já tudo o que devemos fazer é manter-nos à distância».

«Mas porquê?»

«Porque aí esses gajos, os *blacks*, descobriram no porto um carregamento de vinte bidons de álcool metílico que iam a caminho dum tinturaria, e pensaram que era vinho branco, e descarregaram-nos ontem de tarde, e abriram os bidons, e beberam todos, e distribuíram pelos bairros de caniço, e agora uns estão lerpando e outros vão cegar. Os que a maré trouxe foram só os que o mar encontrou, recolheu à beira e deitou. As praias vão mas é ficar coalhadas deles quando chegar a noite. Vocês vão ver. Os *blacks!* Vê-se mesmo que são ideias de *blacks!*»

«Verdade?»

A explicação do capitão Jaime Forza Leal, com a camisa aberta sobre a nesga da cicatriz, era inesperada, mas ao mesmo tempo tão reveladora que várias pessoas do cortejo se sentiram a princípio chocadas pela estupidez, depois sentiram ódio pela estupidez e a seguir indiferença pela estupidez. Não se conseguia ter solidariedade com quem morria por estupidez como aqueles *blacks*. Entreolharam-se estupefactos. Já não importava quantos mainatos não tinham regressado ao seu subtil emprego. Já não importava — e mulher de oficial que vertesse um lágrima, furtiva que fosse, por qualquer mainato desaparecido durante aquela noite, deveria ser considerada estúpida. De repente as roupas de dormir em que a maioria se encontrava no hall ro-gagaram dum a outra maneira. Tudo pareceu distinto do que tinha sido imaginado, ficando de súbito aquela madrugada sem piedade e sem beleza, já que havia um caso de estupidez atrás. Esse molho acre, e sudoroso, a estupidez. Como era possível?

Sim, muito possível. Era uma colónia de cafres aquela que estavam a defender de si mesma. O maior dos dentes amarelos não tinha dúvida e arrependia-se de ter deixado que pela cabeça lhe tivesse passado a ideia dum acto heróico análogo ao do povo de Atahualpa Yupanki, em semelhança colónia. Mas deveriam abandoná-la? Ele deu uma passada na direcção do busto de Jaime Forza Leal onde resplandecia a cicatriz de guerra. Era pena que o Comandante da Região Aérea andasse a mostrar Six-Miles à mulher, pois de outra forma aproveitariam para o encostar à parede e fazê-lo dizer, ali mesmo no hall, o que pensava. O capitão Forza Leal sorria. Aliás, aquilo era domingo, o tempo era amplo como sempre compete ao domingo, poderiam regressar todos ao terraco, pedir ao Gerente que mandasse servir lá em cima o almoço, e se possível o jantar, para não perderem a cena de barbárie que estava afinal ocorrendo entre o Chiveve e o mar.

Subiram então de novo até ao último piso, agora em roupas normais para aquele excessivo Verão, a fim de poderem observar a estupidez sob a forma de mortos cor de azeitão. Como o conhecimento tinha dado origem à frieza e ao distanciamiento, aquela parecia-lhes ser uma cena de caça. Ora muito bem — mas como resolver a situação da colónia? Daquela colónia dramática do feito dum coração alongado? O maior dos dentes amarelos suspirou, já sem robe.

«Oh, isso agora é para quem tiver espetezal!»

E quem tinha? Tinha-a felizmente o General. O maior havia colocado o seu binóculo sobre a mesa, emborcado como um funil precioso que acariciava rindo, mostrando aquele arozinho doirado. O General? Mas era conhecida a opinião do General sobre a travagem demográfica que deveria ser planificada contra a explosão dos cafres. Nisso os bóeres estavam a ser uns cretinos de sussurro bíblico e bíblicamente haveriam de se arrepender. Como é que os bóeres não aplicavam métodos de contensão demográfica contra os cafres? A cafraria estava a avançar sobre os bóeres como a sombra duma pesada nuvem. E no entanto conheciam os métodos.

«Mas que métodos?» — perguntou uma mulher de tenente de longo cabelo passado a ferro.

«Por favor, minha senhora! Nunca ouviu falar de esterilização compulsiva? E de esterilização persuasiva? Nunca ouviu falar da oferta dum rádio, dum simples rádio a troco da castração voluntária? Nunca ouviu? Por mim, minha senhora, estou com o nosso General — bastaria apenas anular os serviços de assepsia, para a natalidade inflectir como uma linha que se some!»

O capitão piloto-aviador ria. Havia descrença no seu lábio de piloto rindo.

«O *black* não vai nisso! Nem pense, meu major. O *black* adora propalar a espécie porque sabe que é preciso fazer muitos e rápidos para ficar com uns quantos! O *black* pensa assim. O *black* pensaria que se passasse lá na floresta com um rádio dando música americana, a troco da castração, até os animais saberiam que ali estava um *black* que não colaboraria mais com a propalação da espécie. O *black* teria vergonha de passar diante dos pombos e das galinhas do mato com todos aqueles ovos. Ele não distingue objecto de sujeito e julgaria que os pombos arruavam daí em diante contra a sua coisa inerte...» — falava o capitão piloto-aviador, que sobrevoava tudo e tinha a tuta vista de pássaro sobre os efeitos. A um piloto não se podem dizer certas fantasias porque ele conhece a Terra. E agora já estavam a tomar o digestivo do almoço, o próprio Forza Leal tinha ido a casa buscar a mulher, e corriam todos olhando de vez em quando para aquela barra e aquele mar donde partiam *dumbers* com gente. A clari-dade do dia era coisa preciosa. Com a ajuda dos binóculos, até se distinguiam os pedais do *dumper*.

«E os noivos?» — perguntou alguém que se tinha debruçado sobre o gradeamento e havia visto o descapotável ainda no mesmo local, arrumado entre os outros carros.

«Ora ora, os noivos — deixá-los dormir e sonhar!»

De facto, enquanto tudo isso se passava, os noivos, deitados sobre os turcos depostos, acordavam e dormiam,

acordavam e dormiam. O sono e a rebencação iam e vinham como as vagas. Estavam estendidos no chão largo que separava a banheira da sanita e a sanita do bidé, e como já se disse, dormiam e acordavam abraçados, e para que a ilusão de líquido fosse perfeita, as toalhas onde se estendiam eram cinzentas da cor das vagas. O noivo fechou completamente os olhos.

«Este é o dia de mais elevado produto da minha vida» — disse ele.

Evrta não se mexeu, surpreendida. «Produto? Mas tu disseste produto? Ah, meu amor, que bom, vê-se bem que ainda és um estudante de Matemática!» — Ela abraçou-o efusivamente. Ele prendeu-lhe o pulso.

«Eh, um estudante de Matemática? Nunca mais!»

Para que Evrta não falasse, ele tapou-lhe a boca com a boca quando ela ia pronunciar de novo o M de Matemática. E assim estiveram, até que se fez tarde e os noivos decidiram voltar ao terraço, gozar agora um pouco do cair do dia, reparar na barra e nos guindastes, pois por certo já não havia mais mortos pelas praias — pensaram ingenuamente os noivos. Os noivos subiram para a tarde, emagrecidos, e só havia passado um dia. «Já um dia?» — disse ele.

De facto, o Sol tinha feito o seu giro e estava na posição em que de véspera o tinham encontrado, quando haviam subido ao terraço seguidos pelo cortejo. A mesa do banquete, que havia sido feita pela junção das várias que salpicavam agora o recinto inteiro, era só uma lembrança, mas Evrta disse ao noivo que a memória não tinha fim, e que enquanto fosse viva haveria de ver a mesa intacta ocupando o terraço — era apenas uma questão de se considerar a realidade subjectiva como a mais concreta. Não tinha pena nenhuma. Aliás, pelas parcelas da mesa as pessoas estavam sentadas, conversando e olhando para o fluido do céu e do mar como se estivessem na esplanada dum aeroporto marítimo, e pelos tempos ainda havia comida sobejada do dia anterior. Pedacos do enorme bolo enfeitado em forma de chuva andavam agora espremiados

nas mãos das crianças. Estarelados pelo chão onde as crianças faziam patim. Triste? Não! «Fluido está em tudo» — disse a noiva. Por exemplo — não havia música mas era como se houvesse. Infelizmente as mesas, dispostas pelo terraço em esquadria quase perfeita, proibiam que se voltasse a dançar. Proibiram mesmo? Não se poderia girar entre os intervalos delas desde que os pares se enlaçassem, parecendo apenas uma figura como nas sombras? Ou era a ausência de música real que impedia?

«Nada nos impede» — disse Evrta.

O noivo não precisou ouvir mais nada e logo captou o corpo da noiva para o interior dos seus braços, e ela mergulhou o nariz no seu peito pouco peludo, animada, de olhos fechados como se ainda estivesse nos turcos, e se sentisse ser levada e caída. O noivo vigiava-lhe a nuca com os olhos senicerrados como janelas descidas sobre toda a paisagem que não fosse a nuca, e ambos irromperam, sem outra música aparente que não fosse o tantam da água e o marulhar das vozes, pelo terraço fora. Não era preciso mais. O exemplo dos noivos rapidamente contagiou o tenente da camisa aberta, o major dos dentes amarellos, o piloto realista e muitos mais, todos vestidos à paisana, antes de saberem o momento exacto de uns partirem para Mueda e outros para o Chai. Pegavam nas mulheres, e desviando-se habilmente das mesas em quadrícula, tal como os noivos, rodopiavam impelidos pela lembrança do dia anterior. Tornando-se aquele dia muito mais vivo e brilhante do que o dia anterior, pois agora havia tempo para esmiuçar outro instante além do presente. O irrequieto e voraz presente. E foi assim — mesmo o capitão Forza Leal, tão austero com a sua mulher ruiva, rodopiou com ela e chegou ao ponto de lhe colocar a mão no meio das nádegas que ela tinha bem feitas como duas metades de ameixa, embora as usasse cingidas, e quase não as movimentasse acima das pernas nuas. O cabelo mais comprido da mulher do capitão, esticado pelos possantes dedos dele, deveria chegar ao sítio onde se separavam as duas metades da drupa. A tarde desaparecia quente e clara como um bafo só ima-

ginado. O Sol no trópico de Capricórnio girava na calote contrária do céu. «Onde estamos, meu Deus?» — perguntou Evíta.

«A caminho do último cálculo» — disse o noivo.

«Depois diz que não, que nunca mais queres voltar à Mat...» — A felicidade dela era tanta que humedecia a camisa dele sem o desejar. A felicidade dos outros, dançando, também era idêntica.

«Ainda haverá mortos, pela praia?» — perguntou Evíta que não queria levantar a cabeça da camisa.

«Amainou» — disse o noivo sem se desembaraçar da noiva, mas levando os binóculos aos olhos. O capitão fazia o mesmo gesto em simultâneo. Quem sabe se a mulher dele não teria colocado uma pergunta idêntica? Também a ruiva do cabelo cheio de lacadas parecia ter adormecido nos braços de Forza Leal. Mas nem todos tinham saúde ou idade para aguentarem a força da imaginação exigida pela alma, para se atingir a volúpia da dança *slow slow* sem nenhuma orquestra real. O pára-queidista lesionado, por exemplo, não podia manter-se em pé por mais tempo, tendo de segurar a mulher e a mula em simultâneo. Começou a falar. Aláís, não incomodava nada ouvir falar, era até uma espécie de fundo que desdramatizava a intensidade da música interna.

«África Austral? Que África Austral? Moçambique está para a África Austral como a Península Ibérica está para a Europa — estão ambas como a bainha está para as calças».

«E a culpa? E a culpa?» — perguntou o maior também já sentado, mostrando aqueles risinhos dentes sobre a mesa.

«Deles, da qualidade dos *blacks* que nos calharam em sorte!» — disse o pára-queidista lesionado. «Se tivéssemos tido uns *blacks* fortes, tesos, aguerridos, nós, os colonizadores, teríamos saído da nossa fraqueza. Eles é que são os culpados, e se lhes parecemos fortes é porque eles mesmos são extremamente fracos. Só temos de os recriminar...»
Um par encaihou numa mesa, mas nada escorregou nem partiu, apenas estremeceu.

«Tenha cuidado com o que diz» — disse o maior dos dentes amarelos. «Olhe que se deve ter sempre cuidado com o que se diz». E a tarde punha-se tão bem, os *dum-pers* de novo se enchiam de gente mas tão cadenciados como se carregassem terra. Ao fundo, visto dali quando acaso se abriam os olhos, tudo estava tão descido, tão suave e tão essencial como a síntese do álcool, a reprodução da amba. Uma imagem de cinema obtida há muito só com uma palmeira. Apetecia não ter ser. A mulher mais linda do terraço concitava a vista dos homens sem mulher, que também os havia, e até de alguns com a mulher ali, diante da testa, porque há desejos irreprimíveis, inveja de coisas próximas inalcançáveis, mesmo quando se tem o cônjuge presente, bebendo diante de nós. Ora não admirava, porque a mulher do capitão Jaime Forza Leal atraía a vista e o suor como um farol atrai, quando visto o facho a partir do mar. Como se chamava ela? E precisaria ter nome? O alferes Luís Alex explicou à noiva — «Oh se tem! Até tem epíteto — chama-se Helena por baptismo, Forza Leal por casamento, mas todos a tratam por *Helena de Tróia*. Não olhes para lá!» O noivo juntou as mãos enlaçadas ao olho direito de Evíta.

Mas naturalmente que Helena de Tróia tinha de concitar o olhar. Naturalmente que o capitão reparou nos olhares que choviam como dardos. Naturalmente o capitão esbofeceu a mulher. Ainda mais naturalmente — porque tinha a ver com a dinâmica e a cinética — a mulher ficou encostada ao ferro da varanda que separava o *Stella* do Indico. Com a face esbofetada, era naturalmente cada vez mais linda. Naturalmente uma lágrima caiu por um dos seus olhos, porque o outro estava coberto por uma das muitas madeixas do farto cabelo rubro. Naturalmente o marido se aproximou dela, e a puxou para si, e ela entregou a cara, a lágrima e o cabelo, encostando tudo ao ombro dele, naturalmente.

«Tens inveja?» — perguntou Evíta.

«Alguna, a começar pela cicatriz. Repara como o meu

capitão usa uma camisa de algodão egípcio tão transpa-
rente que se vislumbra os pontos da cicatriz. Ele ganhou
aquela cicatriz numa bolanha da Guiné. De lá sim, de lá
é que se trazem cicatrizes com alguma dignidade!» — A
mulher do capitão colocava a mão agora no ponto em que
a cicatriz terminava de forma violácea. Naturalmente, os
outros pares procuravam imitá-los, mas era difícil imitar,
e as bofetadas não conseguiam ter aquele impacto violento
e estético que havia sido obtido pelo capitão do noivo.
Mesmo assim, uma mulher — uma das duas raparigas que
de manhã usavam chinelos com pluma de ganso — sob o
impacto da mão fechada do marido, embateu fortemente
no gradamento e quase saltava pela borda fora, agora por
motivo bem diverso do da manhã! Mas se saltasse, não
morreria apesar de estar no décimo primeiro piso do hotel
Stella. Porque morreria? De qualquer modo, o marido
amparou-a com um golpe de judo. O reencontro pareceu
maravilhoso. No momento em que inevitavelmente se en-
contraram, trocaram todos os líquidos que ali era possível
trocar — um fio de sangue escorria do orifício do ouvido
dela. Pingava no chão. Olharam para longe. Ah, sim,
longe, um *dumper* evolui!

«Descobri» — disse o maior dos dentes amarelos,
pondo-se em pé. «Descobri a cadência dos carros de lixo
— quando têm um carregamento de cinco unidades, o con-
dutor regressa à vala!» O maior usava calça amarela de
quadris muito altos, como no tempo em que se punha sus-
pensório. Era antigo, o maior, e tinha o charme também
amigo de quando os homens se curvavam até à cintura,
mostrando a cabeça oleada se queriam cumprimentar uma
mulher. Continuava a ser uma pessoa encantadora e aberta
ao Mundo. Veja-se como era o primeiro que descobria a
cadencial! De facto, o *dumper* fugia agora através da paisa-
gem cortada por casas, portas, uns pés de árvore, uns tapu-
mes ao fundo. Via-se passar e desaparecer, desaparecer e
passar na direcção do vazadoiro. O pára-quadrista lesio-
nado que não podia dançar nem bater, ao contrário do
maior, via a vida com sua lista roxa.

«Estou em crer que estamos aqui mas é a defender os
interesses de Paris, Londres, Bombaim. Nem sequer são os
interesses de Lisboa!» — O pára-quadrista colocou o dedo
no olho direito e mostrou a mucosa vermelha da pálpebra.
Quando se via a vida roxa, não se entendia com clareza
o Mundo e as relações entre os continentes. Lisboa estava
a parecer ao tenente uma aldeia com sinos.
«Aí está você a dizer de novo impróprios! Tome mas
é cuidado, que eu sou um africanista, eu conheço o que
se passa em África como a ponta dos meus dedos. Alguma
coisa me diz, por exemplo, que vem a caminhar uma praga
de gafanhotos! Você vai ver, seu céptico!» — disse o maior.

E a noite iria cair em breve, cair vermelha e negra como
um tapete que cai duma janela sideral e encobre os astros
mais brilhantes. Não, não iria haver lua, embora a maré
estivesse ampla e batesse mesmo rente como se fosse cheia.
Iria cair como uma colcha que se desprende, imensa e abis-
sal. Demoravam a acender as luzes da cidade. E para quê
acendê-las? Devia-se deixar as sombras ocultarem as árvo-
res pelas suas próprias sombras, deixar que a Terra com o
seu contraste natural entre o claro e o escuro devolvesse às
pessoas a noção das rotações planetárias — a noite com
o escuro, o dia com a luz, depois o escuro definitivo
quando chegasse a nossa noite. Era tão maravilhoso ver
anoitecer sem música, sem bolo, sem fotógrafo, sem preo-
cupação de cortejo, depois do cansaço do corpo pelo rodo-
piar *slowly* entre as mesas, que nunca deveria acender-se
uma luz. Aliás, era domingo, e a noite poderia ser eterna
e não se pensaria nem no destino remoto do Império nem
no teatro próximo da ventosa Mueda.

«E o *dumper*, continuará a passar?»

«Que passe ou não passe é o mesmo — se gostamos
que passe imaginamos que passa, se não gostamos imagi-
namos que não passa. Que os recolham todos enquanto
dormimos. Você não acha?»

O pára-quadrista, mas um outro que não o lesionado,
não pôde deixar de sorrir — «Oh, oh, vê-se mesmo que

o meu maior não conhece a força das balas! Veria lá na zona dos Paus, se tudo é tão somente uma questão de mais ou menos imaginação. Ouvi-lo falar pode ser perigoso para o exército, meu maior!»

Mas de repente as luzes acenderam-se. Os únicos pares que ainda continuavam a dançar eram os noivos e os Forzas, quando elas apareceram ao cimo dos candeeiros, ferindo a vista. Não feriram, contudo, durante muito tempo porque elas traziam alguma coisa de novo, tão de novo que obrigou esses dois últimos pares a separarem-se. Accesas abruptamente, as lâmpadas começaram a perder a intensidade, a perder, a perder, e dentro de instantes, o seu palor era extremamente dúbio e singular.

«Estão a ficar verdes!»

«Completamente verdes! O que estará acontecendo?»

O maior despreendeu duas enormes gargalhadas.

«Digam agora que eu não percebo, vejam se são capazes! Eu não disse que estava a caminho uma chuva de gafanhotos?» — O maior levantou-se e passou entre os capitães operacionais cheio de confiança na força do seu crânio. Uma curta madeixa — porque não deixavam usar mais longa, infelizmente — caía de forma breve sobre o seu sobrolho. O maior dos dentes amarelou pegou numa espécie de pingalim que de vez em quando usava para lembrar a sua proveniência de Cavalaria. O maior apontou com o pingalim — «Vejam, é uma nuvem de gafanhotos que passa abaixo do nível superior do *Stella*. Como o neveiro nas falésias da Europa. Repararam como as luzes os ofuscam, reparem como cheira a quitina quebrada, repararam como eles voitam, afocinham e caem! Repararam, meus senhores, minhas senhoras, no movimento contínuo dos gafanhotos! Ouvem o barulho das asas?»

O maior estava a ser invadido por um grande entusiasmo enquanto a atmosfera esverdeava, e junto de cada candeeiro havia uma bola ténue que sumia. Do conjunto dessas bolas de luz filtrada pelas asas móveis dos orthópteros, chegava ao terraço a semibscuridade dos tanques. Por instantes, porém, o verde-limo da luz era tão vivo que con-

seguiu anular os objectos vermelhos do terraço. Havia-os — alguns carros de encaixar de crianças, um ramo de rosas que sobejara do dia anterior, o fio de sangue que ressumava da orelha daquela rapariga batida pelo marido e que ia caindo à praia, tudo isso era vermelho. Sobre tudo os vergões que muitas delas tinham pelas caras. Os cinco dedos da mão de Forza Leal ainda estariam visíveis como se esculpidos na face esquerda de Helena de Tróia, se não tivesse aterrado sobre a cidade da Beira, a plana, a palustre, a índica cidade da Beira, essa nuvem intensa de gafanhotos subvovando o *Stella Maris*.

O Gerente de Messe subiu ao terraço — «Devíamos convidar o nosso Comandante da Região Aérea a ver o espectáculo daqui de cima. Porque não?»

Ele estava instalado com a figura das espátulas num local muito mais luxuoso mas muito menos alto. Não demorou vinte minutos que o Comandante da Região não entrasse pela porta do elevador. A chuva de gafanhotos estava agora a atingir o auge, e teria sido importante enxergar tudo isso, ver as luzes das avenidas passarem de mais verde a menos verde como nos dias em que as nuvens brancas passam pela atmosfera, em extremo sossego, só que Deus não quis. O ajudante de campo do Comandante chamou os oficiais a um canto, improvisou um pequeno *briefing* no escuro verde dum ponta do terraço, e explicou por gestos discretos, como entre os negros envenenados com metanol, existia um branco. Embora a tropa devesse permanecer quieta como uma planta, deixando às autoridades civis o encargo de se desembaraçarem. A eles competia Mueda, Montepuez, o Chail — concluiu o ajudante-de-campo.

«Um branco?» — Mas como podia um branco ter-se deixado estupidamente envenenar por metanol e aceitar dormir entre negros o último sono, escolher o *dumpster* por último transporte até à última morada? Um suspiro verde como as asas dos gafanhotos girava agora pelo terraço. «Tenhamos esperança» — disse o Comandante da Região Aérea que se revelava tão bom apaziguador durante

a agitação quanto tinha sido folgação nos momentos da boda. Ele queria que se tivesse imensa esperança e se observasse o fenómeno dos gafanhotos com imensa paz. Aliás, ao longo da marginal começavam a surgir fogueiras, uma aqui, outra ali, outra ainda mais além, e a brisa que soprava do lado do Oriente inclinava as chamas, atirava-as, mas não as desprendia nem criava perigo algum. Podiam inclinar-se e iluminar o chão, cheio de verde treva. Metodicamente explodiam em fila como se houvesse um silencioso exército preparado só para acender fogueiras — também elas verdes — um exército que esperasse, de praga a praga, a noite dos gafanhotos.

«Repare, Senhor Comandante» — disse o maior dos dentes amarelos. «São fogueiras que os nativos acendem para nelas assarem este tipo de insectos. Esta noite é para eles uma noite de grande manjar!» — O Comandante deixou-se rir despreocupadamente.

E tudo poderia ter continuado, embora houvesse aquele boato dum branco envenenado, assim calmo, assim verde, assim cheio de música interna, e assim teria terminado a boda de Euvia com o alferes Luís, mas como há pouco se deu a entender, o homem pôe e Deus dispõe. De forma que, no meio desse sussurro constituído por homens observadores e mulheres doridas, que levavam de vez em quando a mão à cara, à orelha, crianças excitadas dando pequenos gritos de coelho, e toda aquela vida nocturna, e todo aquele esplendor verde, e todas aquelas roupas brancas, amarelas, ocre, da cor dos safaris, da cor de África, pulvurenta África, apareceu um repórter vindo pela escada. A informação, venha ela de que lado vier, sempre incomoda, porque sempre constitui um perigo de se ficar com uma parte do nosso corpo invisível à vista. Ninguém gosta que a informação chegue, sobretudo quando se está à vontade. Mas a princípio, quando se soube que era um homem do *Hinterland*, ninguém se moveu. E para quê? Só que o repórter começou a querer instalar-se, a escolher posição, a estudar o ângulo, a tomar nota sobre um papel, vendo, espreitando no escuro verde, porque o carro deveria passar

por ali, com um branco estendido entre negros, tão envenenado por metanol quanto os primeiros que o mar tinha trazido. Não, aquela não era uma boa notícia, nem sequer inofensiva, muito menos desejável. O repórter, com a máquina fotográfica às costas, deveria sair dali, ir procurar surprender o movimento da carreta onde quisesse, menos ali, entre pessoas que se divertiam e observavam serenamente. O repórter mostrou a carteira da profissão, esse passaporte que lhe dava entrada no corpo invisível das intenções pessoais. Fora! O repórter começou a defender-se com voz demasiado baixa, só depois a foi levantando, mas usava dizer umas coisas, falar em compromissos, promessas aos leitores, locais ideais para fotografar *dumbers* que passavam. Desejava observar o acompanhamento visto de cima.

«Com este escuro verde? Porque não vai lá para baixo, para a porta?»

«Compreendam — apanhar isto de longe e no escuro é a melhor forma de traduzir o modo como todos desejamos ver o fenómeno! É ou não é?» — disse o jornalista.

Ah, não enganava ninguém, não! Aquela era um exemplar acabado dos repórteres típicos da época. De aspecto sórdido, de canisa aberta no peito por falta de botões, esfiampada nos punhos, e que fazia blague tão bem como qualquer jornalista chико do mundo ocidental de então! Mesmo a África tinha chegado esse jeito. Há vinte anos, o que parece vinte séculos, já alguns tiques se tinham tornado universais, e um deles era o descaramento dos repórteres. Quando tinha começado isso? Como fazia verde em torno das lâmpadas, em torno das fogueiras! Como na obscuridade do terraço, parecia ficar frisado o cabelo das mulheres jovens de que passavam a ferro! As que detinham penteados em feição de moita deixavam-nos esborroar. O capitão Forza Leal disse ao Comandante que se não ia a bem, ia a mal. Ele mesmo dispunha, ali naquele terraço, de três alferes e um tenente, treinados para o que desse e viesse. Um deles, sob o seu comando, apenas com a ponta do sapato, poderia imediatamente colocar lá em baixo,

junto às fogueiras dos gafanhotos, aquele rapaz de olhar clínico. Evita disse ao noivo — «Não vá!» O noivo, porém, aproximou-se mais do que ninguém daquele diálogo rápido. Desde quando Luís Alex não era o primeiro dos oficiais de Forza Leal? Tinha casado no dia anterior, mas a Pátria era a Pátria, e o casamento era o casamento. Evita viu — embora a luz fosse esverdeada — aquele brilho que sempre conduz o homem até ao último esforço do músculo, à última orelha do cavalo, à última colina da montanha, brilhar intensamente no olhar do noivo. Não era desagradável ver, embora o repórter já atravessasse o terraço de mãos no ar, o gravador tivesse caído, a câmara fotográfica estivesse pendurada pelas costas e não pela barriga, e a fralda da camisa tivesse saído para fora das calças. Tinha a forma duma figura vexada, e o Luís Alex, que fazia questão de desembaraçar-se sozinho daquela silhueta de moim, seguia-o com um vulto na mão. Era assim — o capitão Jaime Forza Leal, estivesse onde estivesse, encontrava-se sempre precavido. O que o noivo levava na mão como um brinquedo, era uma arma e tinha sido dada pelo marido da mulher ruiva. Ela mesma abriu a mala e retirou de lá o revólver, tudo num ápice, perfeito. Não valia a pena pois ninguém descer, era exactamente para isso que o alferes se tinha oferecido, para proporcionar a calma e a paz ali no terraço onde ele tinha feito a boda e agora se via a luz das lâmpadas e as fogueiras passarem de verde-nusgo a verde-coqueiro e a verde-esmeralda. Em paz, enquanto esse branco — que poderia vir a caminhar ou não — no meio de negros era puxado por um carro do lixo. Quando passasse, se passasse, ele mesmo já queria estar lá em cima, com o braço sobre os ombros de Evita. Deveria aproveitar porque em breve teria de voltar a Mueda para aquela operação definitiva, após a qual viria a paz. A paz, a paz, a paz — devia repetir-se várias vezes.

E de cima?

De cima ficou a ver-se o repórter a caminhar à frente do alferes, o alferes a correr atrás do repórter, num gesto

que pareceu a alguns um tanto imprudente, e depois, entrando numa manobra já completamente excessiva, levar o repórter a saltar o paredão e a entrar no escuro do mar. As fogueiras estavam espalhadas mas não proporcionavam boa observação porque não só eram verdes, como apenas iluminavam por auréolas. A última vez que se viu o alferes a atravessar uma dessas clareiras de luz verde, corria ele atrás das pernas do repórter. Todos o tinham visto. Depois ambos desapareceram e ouviu-se um ruído parecido com um fósforo de metal que deflagra, fez-se silêncio no terraço, e a atmosfera cheirou a pólvora.

«Lerá a tirado para o ar?» — perguntou a mulher do capitão, sem obter a resposta articulada de ninguém. O silêncio era a resposta que melhor traduzia a dúvida. O Comandante cortou o silêncio.

«Foi um excesso do alferes, um homem habituado à contra-subversão em terreno. Mas é você, capitão, quem deve participar por escrito» — disse ele.

E esperaram que o alferes voltasse, subisse o paredão, atravessasse a marginal, entrasse no hall do *Stella Maris*, subisse pelo elevador, regressasse ao seio da família ofendida com o seu excesso, para que o deslize fosse convertido. Tinham todos os olhos pregados no paredão que apesar de tudo alvejava embora de verde-garrafa, mas ele não vinha. Esperaram vinte, trinta minutos, supondo que o noivo tivesse querido regressar com notícias concretas sobre o homem branco encontrado na margem entre os outros. O *dumper* passou com os negros estendidos, entre eles não vinha o branco. O branco apareceu depois, aos ombros de brancos e amarelos, que acenavam para o alto do *Stella Maris*, querendo que descessem, sem se compreender muito bem porque. Era imenso o acompanhamento que seguia atrás do homem branco, e Forza Leal jurava ter visto de entre a multidão quase silenciosa, erguer-se um punho levantado. Aliás, por vezes, o acompanhamento seria completamente silencioso se não fossem os pés. Os pés dos que acompanhavam o homem branco estendido faziam estalar

a quinta dos gafanhotos como se pisassem copos. Os estalidos eram idênticos, salvo nas bermas onde os gafanhotos tombados já eram tantos que se havia criado um tapete de asas, e o acompanhamento parecia pisar areia.

Evita começou a chorar baixinho. Era maravilhoso tudo se conjugar daquela maneira. Que astros estariam com que astros, lá acima da atmosfera, por cima do manto de ozono, para que acontecesse tudo de forma tão harmoniosa? Desceu-se à praia com archotes e pilhas eléctricas contra os quais os verdes insectos do tamanho de facas vinham dar a última trombada das suas efémeras vidas. Tombavam. E felizmente que tinham decidido procurar o noivo daquele modo, porque se chegassem meio minuto depois, já aquela onda sem grande espuma que aí vinha poderia ter levado o corpo do alferes, e quando o trouxesse, passados três dias, já não apresentaria a integridade necessária para ser vestido de alferes, nem exposto diante dum anjo de pedra, nem no transepto da Sé, o local do templo onde mais passava uma corrente de ar. Assim, a onda não o roubou. Evita pôde abeitar-se dele, lavar-lhe o buraco da testa por onde a bala havia entrado pelo próprio punho do alferes, e beijá-lo na boca até ser manhã. Verde toda a noite. O Comandante da Região Aérea desceu à praia e disse a Evita — «Por vezes, África deixa de ser amarela da cor do scotch para ser de variegadas cores... *Sorry, sorry...*» Mas porque ninguém era malévolo no *Stella Maris*, ninguém acusou o repórter que fazia por cima do paredão. Todos, incluindo Evita, compreendiam que o excesso de harmonia, felicidade e beleza provoca o suicídio mais do que qualquer estado. Infelizmente, muito infelizmente, as guerras eram necessárias para equilibrar o excesso de energia que transbordava da alma. Grave seria proporcionar demasiada felicidade. Então o terrazo foi fechado para que não se voltasse a sentir idêntica chamada de esplendor. Evita sentiu-se vítima dum licença tão subtil que intransmissível, sobretudo quando do cortejo, posto em semicírculo, e onde as ondas chegavam sem espuma, o maior surgiu, deu um passo em frente e se

curvou até aos joelhos — «Madame, os meus respeitos!»
Ela voou no primeiro avião civil. O corpo dele seguiu depois, num barco militar.

FIM